

Annales, geo-história e socialismo

Lucien Febvre leitor e crítico de Élisée Reclus

Annales, géohistoire et socialisme: Lucien Febvre lecteur et critique d'Élisée Reclus

Federico Ferretti

Tradutor: David Ramírez Palacios



Edição electrónica

URL: <http://terrabrasilis.revues.org/1818>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1818

ISSN: 2316-7793

Editores:

Laboratório de Geografia Política -
Universidade de São Paulo, Rede Brasileira
de História da Geografia e Geografia
Histórica

Referência eletrônica

Federico Ferretti, « *Annales*, geo-história e socialismo », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 Dezembro 2016, consultado o 02 Fevereiro 2017. URL : <http://terrabrasilis.revues.org/1818> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.1818

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Fevereiro 2017.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Annales, geo-história e socialismo

Lucien Febvre leitor e crítico de Élisée Reclus

Annales, géohistoire et socialisme: Lucien Febvre lecteur et critique d'Élisée Reclus

Federico Ferretti

Tradução : David Ramírez Palacios

- 1 Diversos autores tem avançado a hipótese de que o geógrafo e anarquista Élisée Reclus exerceu certa influência na formação de algumas das ferramentas intelectuais da escola histórica dos *Annales d'histoire économique et social*, tais como o de tempo longo e o de longa duração, história material, espaço-movimento e geohistória. No entanto, não existe uma pesquisa sistemática acerca desse argumento. Neste artigo, interrogamos nesse respeito a leitura da obra reclusiana feita por um dos fundadores daquela escola, Lucien Febvre, em virtude também das simpatias juvenis deste último pelo anarquismo. Concluímos sublinhando a importância do legado reclusiano em Febvre para compreender o processo de contaminação mútua da história e da geografia na França no século XX, assim como o seu interesse para as tendências críticas atuais.

Introdução

- 2 O célebre geógrafo e anarquista Élisée Reclus (1830-1905) tratou seus temas de pesquisa de uma maneira que pode considerar-se como ao mesmo tempo geográfica e histórica. A sua abordagem tem desta forma sido comparada às vezes com a da escola historiográfica representada pela revista *Annales d'histoire économique et social*, fundada em 1929 por Marc Bloch (1882-1944) e Lucien Febvre (1878-1957). Deve-se a seu discípulo mais célebre, Fernand Braudel (1902-1985), o primeiro aprimoramento do conceito de geohistória (Braudel, 1966).
- 3 Vários autores (Deprest, 2002; Errani, 1984; Lacoste, 1990; Pelletier, 2013), tem ressaltado que certos conceitos elaborados pela escola dos *Annales*, tais como o de história material, sistema-mundo, história social, persistências, espaço-movimento, tempo longo e longa

duração, parecem encontrar precedentes na produção reclusiana. No entanto, ninguém até agora tentou uma comparação sistemática entre o *corpus* de Reclus e os historiadores citados, nem tampouco uma interrogação das redes políticas e científicas que teriam permitido a passagem dessas ideias.

- 4 O presente artigo é uma primeira tentativa de preencher tal lacuna. A hipótese é que Reclus exerceu uma influência ao mesmo tempo direta e indireta na escola dos *Annales*, principalmente através da figura de Lucien Febvre, em virtude da admiração científica deste último pelo mesmo Reclus assim como por Piotr Kropotkin (1842-1921), à qual se junta a sua simpatia pelo pensamento libertário de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Tentarei clarificar essas questões com uma análise dos textos e dos arquivos dos autores citados.
- 5 Este trabalho se insere na recente redescoberta de Reclus efetuada atualmente tanto na França como no estrangeiro. O último decênio tem visto um florescimento de estudos francófonos sobre este autor e as suas redes, e há um interesse cada vez maior nos laços históricos e epistemológicos entre geografia e anarquismo (Ferretti, 2014; Pelletier, 2013). No nível internacional, esses laços tem sido abordados em 2012 em números especiais consagrados ao anarquismo por importantes revistas internacionais de geografia como *Antipode* e *ACME*. Seus editores desenharam explicitamente uma «genealogia» (Springer, 2013) que partem de Reclus e Kropotkin e chegam até as problemáticas contemporâneas dos geógrafos radicais e críticos, os quais não deixaram de ter ecos na França (Calbérac e Morange, 2012).
- 6 Com respeito a Febvre, este trabalho insere-se igualmente na literatura recente que tem redescoberto seu lado militante e «resistente» a partir dos novos materiais extraídos de seus arquivos por historiadores como Brigitte Mazon e Yann Potin (Febvre, 2014). Estas novas pesquisas abordam também as suas atividades militantes no seio da ala esquerda do Partido socialista (S.F.I.O.) durante os primeiros anos do século XX (Ferretti, 2015; Lecuir, 2012).
- 7 Acerca deste último ponto, tomo inspiração da teoria latouriana da «influência social» (Latour, 1987) para avançar a hipótese de que a contribuição de Reclus e, de maneira mais geral, do ambiente intelectual dos geógrafos anarquistas, tem inspirado a Febvre não apenas pela sua leitura das obras geográficas de Reclus e de Kropotkin, mas também pela sua assimilação das ideias que circulavam nos meios do socialismo francês da época.
- 8 Insiro-me igualmente na literatura internacional que focaliza a necessidade de situar o conhecimento científico e as circulações dos saberes (Livingstone, 2003; Ogborn e Withers, 2010) para compreender o papel das suas localizações. Como demonstrarei em seguida, o socialismo que foi praticado em Besançon na época da militância de Febvre leva claramente a marca de uma tradição local resultante de Proudhon e da proximidade com o Jura.
- 9 Aliás, pode igualmente invocar-se o conceito foucaultiano de «formação discursiva» (Foucault, 1969) para explicar a circulação das ideias que tem inspirado certas problemáticas de Febvre, em particular a sua história da mentalidade, considerando que no seu *Rabelais* o historiador faz uma clara referência aos meios de livres-pensadores e militantes aos quais se dirige.
- 10 Na primeira parte de meu artigo, abordo as ideias de Reclus sobre a história tais como expostas por ele na sua última obra, *L'Homme et la Terre*. Na segunda parte, analiso a recepção direta e indireta da geografia reclusiana na obra de Febvre, em particular em *La*

Terre et l'Évolution humaine (1922). Na terceira parte, estudo a trajetória socialista de Febvre, simpatizante do anarquismo em algum momento, para avaliar o peso das suas convicções políticas na sua leitura dos geógrafos anarquistas. Na conclusão, sublinho a importância deste caso tanto para os estudos sobre «cruzamentos e fertilizações» entre a geografia e a história (Ozouf-Marignier e Verdier, 2000; Verdier, 2009), quanto para as tendências recentes das «geografias críticas».

1. Reclus e a história-mundo

- 11 Na sua última obra, *L'Homme et la Terre*, Reclus tentou construir um novo domínio científico a que chamou de *geografia social*, numa época em que o adjetivo «social» era com frequência utilizado como sinônimo de «socialista» (Pelletier, 2013). No entanto, seus seis volumes encontram-se longe do que atualmente considera-se como um trabalho tradicional de geografia, pois encontram-se organizados cronologicamente, sob forma de uma história mundial que vai da pré-história até a mundialização da era dos impérios.
- 12 Reclus sintetiza seu cruzamento das duas disciplinas com a célebre frase que, lembrando ao mesmo tempo a Ritter e a Michelet, coloca como epígrafe: «A geografia não é outra coisa que a história no espaço, assim como a história é a geografia no tempo» (Reclus, 1905, p. 1). Este casamento disciplinar é selado pelo recurso aos nobres pais, notadamente a Heródoto, que é apresentado por Reclus da seguinte maneira:

Pai da geografia e da história [...] incomparavelmente superior a esses especialistas de nosso dias, que por conformar-se a não sei quais programas oficiais tem feito da geografia um objeto de enfado e de risos, ele soube torná-la mais atraente que a poesia mesma, sem separar em forma alguma o homem da natureza, nem os costumes e as instituições dos meios nos quais opera-se o seu desenvolvimento. (Reclus, 1872, p.1)
- 13 Reclus não levou nunca em conta as fronteiras entre os saberes, que adquiriram aliás importância na França dado que a sua institucionalização implicou disputas por espaços acadêmicos (Mucchielli et Robic, 1995) e que da lógica das «especialidades» tenha-se passado ao sistema de «disciplinas», segundo a definição proposta por Claude Blanckaert (2006).
- 14 Na sua obra, Reclus interessa-se pelos «ritmos da história» que são estabelecidos pela relação contínua entre humanidade e natureza (Reclus, 1905, p. 344). Introduz desta maneira o conceito de história ambiental e a futura ideia de períodos longos cara aos *Annales* que, segundo o historiador britânico contemporâneo Peter Burke, constitui uma das inovações principais daquilo que chama de «revolução histórica francesa» (Burke, 1990).
- 15 Reclus tem igualmente tentado uma periodização geral da história do mundo. Neste respeito, inspira-se nos trabalhos de seu colaborador e camarada Léon Metchnikoff (1838-1888), que, no seu livro *La Civilisation et les grands fleuves historiques*, analisa quatro casos de civilização surgidos de meios fluviais: o Egito, a Mesopotâmia, a Índia e a China. Na sua periodização, Metchnikoff estabelece em primeiro lugar um «período fluvial», que chega até a Idade do Bronze aproximadamente, durante a qual as civilizações não tiveram comunicação regular entre elas. Em seguida, postula um «período mediterrâneo», no qual as civilizações «ocidentais» estiveram estruturalmente conectadas através da bacia do Mediterrâneo, entanto que as civilizações indianas e chinesas se mantiveram

relativamente menos conectadas, dadas as dificuldades de comunicação através da Ásia central e a ausência de um mar unificador.

O último período, chamado de «fase oceânica», corresponde à mundialização moderna, caracterizada pela expansão europeia que, segundo Metchnikoff, atinge seu pico com o «cenário do Pacífico». Os povos do mundo inteiro ficam então cada vez mais conectados e as nações não-europeias jogam um papel cada vez maior. Metchnikoff declara portanto não acreditar num «fatalismo potâmico», na medida em que define as civilizações como sendo «a síntese vivente das condições geográficas múltiplas». (Metchnikoff, 1889, p. 364)

- 16 Reclus dá uma interpretação pessoal desta periodização. Postula em particular uma ruptura entre «história antiga» e «história moderna» no momento da queda do império romano, que teria modificado em forma decisiva as relações entre a humanidade e o meio. Com efeito, o trabalho dos romanos pela transformação do território simbolizava a dominação do homem sobre a natureza. Segundo Reclus, um dos resultados principais deste processo foi a unificação política do Mediterrâneo e a sua confirmação como centro gravitacional de toda a parte ocidental do mundo Antigo (que inclui, para Reclus, a Arábia, a Pérsia, a África do Norte e outras regiões que as vulgatas contemporâneas dificilmente considerariam como «ocidentais»). Uma vez quebrada essa unidade, «os diferentes meios geográficos retomaram as suas influências plásticas nos habitantes, na medida em que as populações [...], ao não ter consciência duma cultura comum, foram submissas à sua ação» (Reclus, 1905b, p. 338).
- 17 Finalmente, o ideal geo-histórico supremo de Reclus é o da unidade humana. A interrupção do processo de integração irá sentir-se até os séculos XVIII e XIX, em que três revoluções modificaram definitivamente as relações entre as sociedades e o seu ambiente: a revolução industrial, a revolução francesa e a mundialização, que Reclus considera como uma reaproximação progressiva dos povos. Os geógrafos descrevem então esta última etapa por meio da «metáfora mediterrânea» (Arrault, 2006), atribuindo aos oceanos o mesmo papel de comunicação entre beiras opostas jogado tradicionalmente pelo Mediterrâneo.
- 18 Muitos dos argumentos de Reclus conduzem ao «movimento histórico» dos povos e das civilizações, conceito que parece bastante próximo daquilo que hoje chama-se de «história conectada» ou «história mundial». O geógrafo procura igualmente extrair princípios gerais inspirando-se no filósofo italiano Giambattista Vico:

Vico, na sua *Scienza Nova*, mostra-nos as sociedades evoluindo pela série das idades por *corsi* e *ricorsi*, isto é, por progressos e regressos regulares, descrevendo círculos no tempo e retornando sempre a um mesmo estado de coisas depois do final circuito. É essa uma concepção um pouco infantil na sua simplicidade, e discípulo nenhum de Vico tem conseguido admiti-la sem a modificar [...] Nós falamos mais a vontade numa espiral de civilização, em que os ciclos, agrandando-se sem cessar, desenvolvem-se indefinidamente durante o curso das Idades. Contudo, deve dizer-se que esta espiral é de forma bem pouco geométrica, e que cada acontecimento vem a inflectir a curva. (Reclus, 1905, p. 344-346)
- 19 Reclus postula desta forma um equilíbrio entre, por um lado, os tempos longos e os ritmos gerais, e, pelo outro, os acontecimentos.
- 20 As suas ideias políticas, segundo suas próprias palavras, são inspiradas pelo estudo da história «propriamente dita», isto é, a história das relações sociais e ambientais, por cima daquela das batalhas e outros «crimes reais» (Reclus, 1879, p. 520), chamada pelos *Annalistas* de história acontecimental. A dimensão mundial, privilegiada por Reclus para

mobilizar seus conceitos históricos, permite-lhe criticar o ensino da história, fortemente marcado pela ideologia nacionalista, fornecido então nas escolas. De conformidade com seu objetivo de realizar a fraternidade universal, afirma a necessidade de ensinar não as histórias nacionais, mas sim a história de toda a humanidade, conceito que representa através da metáfora dos rios que levam as águas de beiras opostas até a bacia marítima comum:

A história já é a do mundo inteiro: todas as fontes do rio, outrora rolando distintas e subterraneamente sob as cavernas, unem-se num só leito e as águas se correm amplamente sob a luz do céu. Apenas nos nossos dias a história pode chamar-se de universal e aplicar-se a toda a família dos homens. As pequenas pátrias locais perdem a sua importância relativa em proporção inversa ao valor que adquire a grande pátria mundial. (Reclus, 1894, p. 489)

- 21 Para Reclus, a história mundial é antes de tudo uma história geográfica, pois construída entorno do deslocamento dos «centros geográficos do mundo», pelo menos até o advento da mundialização, onde «o centro está em todas partes, e a periferia em lugar nenhum» (Reclus, 1876, p. IV). Um dos resultados desta última fase é a mistura surgida dos cruzamentos dos povos e das culturas, que Reclus considera como um meio de acabar com o racismo e o chauvinismo. Do ponto de vista da história, Reclus insiste nas origens mistas da antiga civilização mediterrânea, afirmando a existência de uma antiga civilização africana, longe dos estereótipos da época e dos atuais sobre o suposto atraso do continente africano. Segundo Reclus,

[...] o orgulho de raça, do qual os historiadores não desconfiam o bastante, tem dado origem a um preconceito muito difundido, segundo o qual aos africanos não tem correspondido, por assim dizer, parte nenhuma na obra geral da civilização [...]. Mas estes quadros horríveis não esgotam a história da África. Bem ao contrário, a história do nosso progresso não nos leva forçosamente à bacia do Nilo, em terra africana? (Reclus, 1885, p. 32)

- 22 Um dos esforços de Reclus foi também o de incluir na história os atualmente chamados «povos sem história» (Wolf, 1982). Procurou incorporar todos os continentes e todos os gêneros de vida numa narração universal que deve desembocar na «união plena do selvagem e do civilizado com a natureza» (Reclus, 1908, p. 508).

2. Febvre e a geografia de Reclus

- 23 No começo do século XX, disciplinas como a geografia, a história e a sociologia de Émile Durkheim entram progressivamente em competição, embora mantendo alguns lugares de publicação em comum como a *Revue de Synthèse* de Henri Berr ou a casa editora Armand Colin. Começaram desta forma a discutir seus limites disciplinares respectivos. No entanto, a história e a geografia humana partilhavam métodos e objetos, assim como domínios institucionais como a agregação. Segundo M.-V. Ozouf-Marignier, «o afastamento das duas disciplinas é difícil de se explicar. Mais do que em confrontos reais, parece repousar em maus-entendidos» (Ozouf-Marignier, 1992, p. 102).
- 24 Diversos autores sublinham que a história mantém, no entanto, «um diálogo contínuo com a geografia» (Müller, 2003, p. 248). Publicações como a correspondência entre Bloch e Febvre, editada por Bertrand Müller (1994), demonstram que esses historiadores, em grande parte antigos discípulos de Vidal de la Blache, mantiveram redes de conhecimento pessoal e de colaboração, implicando geógrafos como, por exemplo, Albert Demangeon e Jules Sion.

- 25 Encontramo-nos numa época em que, segundo Marie-Claire Robic, o geógrafo compõe também uma erudição histórica crítica. Nisso consiste a reavaliação proposta por ele das origens da nação, em trabalhar sobre um mundo ignorado pelos arquivos, aquele dos camponeses e das províncias ou dos pequenos países perdidos, entando que a história —oficial— da nação rende conta apenas do lado do Tribunal. (Robic, 1996, p. 363)
- 26 A historiografia dos *Annales* apresenta-se então como um desafio à velha «história historicizante», feita de reis e de batalhas. Ela revela a grande habilidade de Bloch e de Febvre na construção do adversário, o qual era, segundo Christophe Prochasson, «um inimigo pura e simplesmente inventado» (Prochasson, 1997, p. 69).
- 27 Simetricamente, poderia perguntar-se sobre a maneira em que Febvre utiliza Reclus para construir a sua interpretação da geografia. A sua introdução a *Combats pour l'histoire* inclui uma homenagem aos «verdadeiros mestres», entre os quais encontra-se Michelet, mas também «Élisée Reclus e a profunda humanidade da *Nova Geografia Universal*» (Febvre, 1953, p. IV).
- 28 *La Terre et l'évolution humaine* (1922) de Febvre tem exercido uma influência muito grande nos geógrafos pela sua formulação das categorias de possibilismo e de determinismo, que muitos autores utilizaram em seguida para distinguir a escola francesa de geografia humana da geografia alemã e, sobretudo, de Friedrich Ratzel. Segundo Franco Farinelli, a oposição entre possibilismo e determinismo é contudo um falso problema, pois «o que distingue Ratzel de Vidal de la Blache não repousa na relação entre sociedades humanas e meios. O determinismo e o possibilismo não tem existido jamais em estado puro na geografia» (Farinelli, 1981, p. XXIII).
- 29 Segundo o geógrafo italiano, todo estudo geográfico implica uma mistura de ações humanas e de ações naturais, de forma que o verdadeiro problema de Febvre será mais o de estabelecer as fronteiras disciplinares entre a geografia, a história e a sociologia: é por isso que inventa um novo inimigo, a geografia alemã, caracterizada ao mesmo tempo pelo determinismo ambiental e por uma geografia agressiva e nacionalista. Esta geografia constituía o alvo ideal para uma polêmica, Febvre afirmando que o objeto da geografia era «o solo e não o Estado».
- 30 Note-se de passagem que, por seu título, *La Terre et l'évolution humaine* relembra a justaposição da humanidade e a natureza, ou bem da geografia e a história, típica das obras maiores de Reclus como *L'Homme et la Terre* ou *La Terre et les Hommes* (subtítulo da *Nouvelle Géographie Universelle*). Febvre rende homenagem ao geógrafo anarquista desde as primeiras páginas, nas quais convida a ler «alguns bons dicionários de história, dois ou três manuais provados e a *Geografia universal* de Élisée Reclus, essa Providência tão frequentemente negada» (Febvre, 1922, p. 19). No seu livro, encontram-se doze citações do geógrafo anarquista. Não constituem legião para um trabalho dessa amplitude (são muito menos numerosas do que as de Ratzel e as de Vidal de la Blache, por exemplo), mas são bastante significativas numa época em que quase ninguém na França citava Reclus, transforado rapidamente em clássico e utilizado de maneira bem discreta após a sua morte (Arrault, 2005).
- 31 Febvre não apenas cita Reclus, mas utiliza todos os seus trabalhos maiores, demonstrando que naquele momento ele é sem dúvida um dos principais conhecedores do geógrafo anarquista na França. Com efeito, encontram-se na sua obra citações de *La Terre*, da *Nouvelle Géographie Universelle* e de *L'Homme et la Terre*, assim como de um artigo publicado

num suporte relativamente periférico como o *Bulletin de la Société Neuchâteloise de Géographie* (Reclus, 1900).

- 32 Na leitura, é evidente que Febvre convoca Reclus entre seus aliados contra a geografia alemã e o «determinismo». Considera o estudo de Reclus sobre os «quadros climatobotânicos» das estepes asiáticas como um dos clássicos do gênero, «uma descrição que não se esquece» (Febvre, 1922, p. 157). Utiliza a sua autoridade para justificar afirmações centrais da sua abordagem, como a ausência de fatalidades na relação humanidade-natureza:

Que não se fale em necessidade. Nada de estrito, nada de rígido, nada de mecânico: mais uma vez, verifica-se que o acordo que se estabelece entre o globo e seus habitantes compõe-se ao mesmo tempo de analogias e de contrastes. Como todas as harmonias dos corpos organizados, disse já de maneira excelente Reclus, ele provém da luta tanto como da união, e não cessa de oscilar em volta de um centro de gravidade cambiante. (ibid., p. 209)

- 33 Esta afirmação relembra a referência de Reclus a Vico, assim como a sua ideia de uma relação dialética e dinâmica entre humanidade e natureza, que o geógrafo anarquista empresta de Oken, de Schelling e dos outros *Naturphilosophen* alemães, na qual muitos geógrafos interessaram-se então (Tang, 2008). De igual maneira, Febvre consagra a Reclus duas páginas de seu capítulo sobre os planaltos, afirmando que o geógrafo tinha conseguido construir um tipo geográfico convincente, porém sem lhe dar um papel decisivo na história humana:

Os planaltos possuem a maior importância para a história da humanidade. Isto é: em todas partes, casos particulares que é preciso tratar como tais; individualidades que é preciso estudar cuidadosamente nas suas características distintas; mas, de regras gerais, nada; de uma noção imperiosa e única de planalto, ainda menos. (ibid., p. 231)

- 34 Aquilo que parece de mais problemático é que Febvre utiliza Reclus para atacar o princípio ritteriano das articulações litorais, embora sabemos que Reclus utilizou amplamente as ideias de Ritter neste respeito (Brun, 2012; Lefort, 1996). Febvre considera aquela abordagem como «determinista», citando em apoio da sua posição diversas passagens em que Reclus analisa os meios insulares (pp. 250, 265, 267), sem considerar outros aspectos de uma obra que ele parece no entanto conhecer bem. Trata-se então duma versão pessoal da geografia reclusiana a que Febvre propõe a seu leitor. Isto decorre também duma utilização de referências comuns aos dois autores, notadamente Ritter, mestre de Reclus, que Febvre considera igualmente como um dos inspiradores da geografia humana, e Michelet, mestre «espiritual» de Febvre (Febvre, 2014), que foi igualmente uma referência importante para o mesmo Reclus.
- 35 Deve também sublinhar-se que Febvre, na mesma obra, convoca igualmente Piotr Kropotkin, geógrafo e militante anarquista, protagonista duma longa colaboração com Reclus (Ferretti, 2014). O russo, citado muitas vezes por Febvre nos seus escritos políticos, era conhecido nos meios científicos por sua teoria da ajuda mútua (Kropotkin, 1902), que afirma, embora permanecendo no quadro do evolucionismo darwiniano, que a cooperação não é menos importante do que a concorrência como fator da evolução (Girón Sierra, 2005). Ele conclui portanto, com bases científicas, que uma sociedade organizada segundo os princípios da ajuda mútua e da cooperação, isto é, uma sociedade anarquista, será não apenas justa, mas também realizável.
- 36 Febvre apoia-se na obra de Kropotkin para analisar a relação entre as condições naturais e a densidade da população numa dada região. Ao observar os animais na Sibéria, o

geógrafo russo tinha afirmado que as capacidades populacionais dum território não eram definidas pela soma dos recursos disponíveis, pois teriam então que considerar-se os recursos dos períodos mais difíceis. Além disso, muitas populações ao manter um número de indivíduos inferior ao que seu território poderia alimentar, não são portanto determinadas por simples necessidades ambientais.

- 37 Kropotkin, segundo Febvre, demonstra o quanto o raciocínio quantitativo, a golpes de estatística e com cartas esquemáticas e representações gráficas, é débil e falacioso numa multitude de casos. Agora bem, esta lição de prudência não vale mais do que para o zoogeógrafo; o antropogeógrafo deve fazer o seu lucro; Kropotkin aliás o indica claramente ao mostrar-nos as cidades do sudeste da Rússia, em que os habitantes desfrutam de uma verdadeira abundância de alimentos e que, com uma taxa de nascimentos do sessenta por mil, veem no entanto sua população se manter estacionária. (Febvre, 1922, p. 173)
- 38 O que é intrigante aqui é que a teoria da ajuda mútua representa um argumento clássico da propaganda anarquista e que Febvre parece perfeitamente confortável em mobilizá-lo dentro do marco do seu discurso científico.
- 39 De qualquer modo, Febvre escreve aqui como historiador da geografia, na medida em que mobiliza aquilo que Ute Wardenga tem chamado de «narrações exemplares» (Wardenga, 2013, p. 30) da história disciplinar no sentido de procurar antecedentes nobres de uma abordagem já adotada, em palavras do mesmo Febvre, «organizar o passado em função do presente» (Febvre, 1953, p. 438).
- 40 Um outro episódio da geografia de Febvre que parece implicar, se bem que indiretamente, o legado reclusiano, é a sua colaboração com Albert Demangeon (1872-1940). Este último foi sem dúvida o principal representante da ciência geográfica junto ao grupo annalista (Wolff, 2005).
- 41 Seus laços com Febvre foram estreitos, sem esquecer que a carreira do historiador começa graças a uma recomendação que Demangeon dirige a Henri Berr indicando-o como colaborador da *Revue de Synthèse*.¹ Agora bem, como testemunham os seus arquivos, Demangeon teve alguns contatos diretos com Reclus,² fato raro no seio da escola vidaliana. Aliás, seu genro, Aimé Perpillon (1902-1976), chegou a dirigir em 1931, em colaboração com Paul Reclus (1858-1941), o sobrinho de Élisée, uma edição revisada de *L'Homme et la Terre* (Reclus, 1931).
- 42 Em 1934, Demangeon assina junto com Febvre uma obra ainda pouco estudada, a monografia sobre o Reno (*Le Rhin*, Demangeon e Febvre, 1934), em que Febvre se ocupa da parte histórica e Demangeon da parte geográfica. Até agora, estas duas partes tem sido pelo geral abordadas separadamente, inclusive os capítulos de Febvre tem sido reimpressos como obra autônoma (Febvre, 1997). Peter Schöttler observou já que esse trabalho «desmistifica» (Schöttler, 1997) os mitos nacionalistas da fronteira renana através da sua afirmação da coerência histórica e humana dessa bacia fluvial. Esta visão de Febvre parece bastante original se comparada com as representações contemporâneas da Alsácia-Lorena, frequentemente inspiradas em um forte nacionalismo (Heffernan, 2001). É possível encontrar muitos pontos em comum com a abordagem de Reclus, que considera as bacias fluviais mais como veículos de união dos povos do que como fronteiras (Reclus, 1869).
- 43 Comparando apenas a parte da monografia sobre o Reno que Demangeon e Febvre escreveram juntos, a *Introdução*, encontram-se fortes semelhanças com as afirmações do mesmo Reclus acerca do mesmo rio. Com efeito, os dois primeiros escreveram em 1934:

O geógrafo observa: e clareia para ele a noção, viva e forte, do quanto de solidariedade e de união cria entre países e igualmente entre homens a grande via renana, [...] o valor do seu território como zona de contato e de civilização. (Demangeon e Febvre, 1934, p. VII).

44 Quanto a Reclus, ele escreve em 1878:

Apesar dos enredos das fronteiras políticas, cada uma das suas regiões —o Bade, o Hesse, os vales do Nahe e do Lahn, o do Mosela, o do Sieg ou o do Ruhr—, mereceria ser estudada por aparte, se o Reno, correndo de sul a norte, não houvesse criado um conjunto de países que possuem na Alemanha e na Europa um caráter especial. (Reclus, 1878, p. 545-546)

45 Se, de Reclus a Febvre, a ciência passa das especialidades para as disciplinas, é preciso no entanto considerar que a crítica dos especialismos que caracteriza Reclus, tinha também caracterizado, já no século XIX, a historiadores como Michelet (Blanckaert, 2006, p. 125). A abordagem dos *Annales*, visando a colaboração de diversas disciplinas com o fim de esclarecer de maneira conjunta os problemas comuns, deriva igualmente da crítica duma separação estanque entre os objetos de estudo de cada ciência. Do ponto de vista dos «regimes de historicidade», pode também dizer-se que Febvre e Reclus tiveram ideias muito semelhantes com relação às temporalidades —ambos pertencendo a uma ordem em que o futuro e o progresso jogam um papel primordial na organização do passado, notadamente no caso de Febvre (Febvre, 1949)—, assim como no questionamento do conceito de *historia magistra vitae* (Hartog, 2003, p. 14).

3. Febvre: um socialista libertário?

46 O interesse de Febvre pelo anarquismo, como testemunham as suas leituras da *Ajuda mútua* de Kropotkin, deriva não apenas duma postura científica, mas também de razões biográficas. Um aspecto pouco conhecido da sua trajetória é notadamente a sua admiração por Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), um dos pais do anarquismo internacional, assim como um dos inspiradores de Reclus.

47 No começo do século XX, Febvre é um militante socialista, muito interessado pelo sindicalismo revolucionário. Num artigo publicado em 1909 pela *Revue de Synthèse*, discute as origens proudhonianas deste movimento, que então desenvolve-se em torno das Bolsas de Trabalho e no qual sente-se uma forte influência anarquista. Ele afirma que deve mais às condições materiais da luta de classes e ao espírito espontâneo de autonomia operária, do que a todas as leituras diretas de Proudhon, Bakunin, Kropotkin e Guillaume. Os trabalhadores sindicalistas revolucionários foram «discípulos de Proudhon, mas também da sua vida e do tempo» (Febvre, 1962, p. 779).

48 Neste artigo, Febvre demonstra o seu profundo conhecimento dos pais do movimento anarquista e dos seus trabalhos, James Guillaume (1844-1916) incluído. Este último foi um dos fundadores da Federação do Jura (1871-1882), reconhecida como a primeira organização anarquista da história, protagonista em 1872 do Congresso de Saint-Imier, em que os anarquistas separaram-se dos marxistas e passaram a fundar a Internacional antiautoritária (Guillaume, 1905-1910). Febvre, em seu artigo de 1909, insere-se num debate que implica diretamente a Guillaume, o qual mora então em Paris e apoia o movimento sindicalista revolucionário, aderindo às posições de Pierre Monatte (1881-1960).

- 49 Esse texto de Febvre revela também um bom conhecimento da literatura anarquista das últimas décadas do século XIX. Por exemplo, o historiador cita uma lista de folhetos publicados por Jean Grave (1858-1932) e prega o seu estudo sistemático (Febvre, 2009, p. 935). Grave, tipógrafo, era também um dos anarquistas franceses mais ativos, editor das revistas *Le Révolté*, *La Révolte* e *Temps nouveaux*, em constante colaboração com Reclus e Kropotkin. O fato de um acadêmico como Febvre ter tido um conhecimento aprofundado de publicações que dificilmente circularam fora dos circuitos operários e militantes, permite pensar, que pelo menos por algum tempo, ele simpatizou com o anarquismo, muito além do mais difundido «socialismo normaliano» (Prochasson, 1981).
- 50 Os artigos escritos por ele entre 1906 e 1909 no jornal *Le Socialiste comtois* vem confirmar essa hipótese (Ereño Altuna, 1994; Pinard, 2011). Febvre milita então na seção socialista de Besançon, cidade natal de Proudhon, em que a memória deste último e a proximidade com o Jura nos permitem «situar» os saberes políticos contaminados pela tradição libertária. Este grupo socialista é caracterizado por um forte pluralismo interno (Ereño Altuna, 1994, p. 83). As palavras de ordem da Federação de Doubs, situada na ala esquerda do Partido Socialista, encontram-se escritas na capa do *Socialiste Comtois*: «de cada um segundo suas forças, a cada um segundo suas necessidades» e «a terra para o camponês, a máquina para o operário», estas últimas inspiradas no texto de *La Jurassienne*, música anarquista escrita por Charles Keller.³
- 51 Em um artigo sobre a questão agrária, o futuro fundador dos *Annales* utiliza palavras e conceitos típicos da literatura anarquista, como os de ação direta, internacionalismo e livre federação:
- Nós o exigimos: a terra para os camponeses, não para a propriedade, mas para a coletividade. Nós o exigimos: expropriação universal dos capitalistas rurais, de Brie, de Beauce, da Lombardia, de Parma, da Pomerânia e da Irlanda. Nós o exigimos: exploração das terras liberadas para o proveito de todos, pela livre federação dos camponeses associados. Nós o exigimos e continuamos a exigir: supressão da propriedade e do trabalho assalariado. (Febvre, 1908)
- 52 Esta fonte é importante dado que Febvre fala aqui, não como historiador, mas sim como militante, aliás no registro de uma polêmica política bastante agressiva. É possível desta maneira compreender melhor o seu pensamento sobre certas questões políticas e sociais, que contrasta com os lugares comuns, estabelecidos por seus sucessores, que consideram a Febvre como um homem poderoso na academia, historiador «imperialista» e afastado de preocupações subversivas (Braudel, 1957). Ereño Altuna sublinha a admiração de Febvre pela figura de Proudhon, «o filho do toneleiro do pequeno Battant, que encantou-o com seu espírito plebeu, igualitário e operário, com o seu anarquismo e com a sua postura intransigente que não sacrificava jamais o homem ao Estado» (Ereño Altuna, 1994, p. 130). Este período da trajetória de Febvre poderia resumir-se com o título de um de seus últimos artigos publicados no *Socialiste Comtois*: «Viva a vida, abaixo a autoridade» (Febvre, 1919^a).
- 53 É apenas recentemente que têm começado a redescobrir-se as fontes concernentes a este capítulo da vida de Febvre, como as suas «Quatre leçons sur le syndicalisme français», publicadas em 2012 por *Le Mouvement social*. Nesses textos, preparados entre 1919 e 1920, Febvre insiste na originalidade do sindicalismo francês que, segundo ele, caracteriza-se por sua inspiração libertária. Como ressalta Jean Lecuir, Febvre mantém-se «fiel às suas opções de juventude e a seu nexos franco-condês, e não deixará de fazer referência a Kropotkin, a Proudhon e a Jaurès» (Lecuir, 2012, p. 6)

- 54 Nos seus textos, Febvre insiste na continuidade ideal entre a Primeira Internacional e o sindicalismo revolucionário:

Como se formou, de experiência em experiência, a concepção do sindicalismo revolucionário, redescobrimo laboriosamente, uma por uma, as ideias essenciais da Internacional? [...] Em 186... como em 1904, as realidades da vida operária, as necessidades da ação operária, tem engendrado as mesmas ideias, como os operários de 1904 puderam perceber lendo a História da Internacional que Guillaume agora tem dado a eles, entre 1905 e 1910. Mas é dessas realidades e dessas necessidades que a consciência operária tem tirado, ambas vezes, essas ideias, que são as dos jurassianos de 186... Pretender que Yvetot, que Griffuelhes, que Pouget ou que o mesmo Monatte, foram lecionados por Bakounine ou por James Guillaume, chega a ser cômico. Eles acharam as suas ideias em si mesmos, isso é tudo. (Ibid., p. 11)

- 55 A diferença entre o pensamento de Guillaume e o de Febvre consiste em que o primeiro postula uma conexão direta entre a internacional antiautoritária e o sindicalismo revolucionário (Antonioli, 2014), enquanto o segundo afirma a adoção independente das mesmas ideias. Eles, no entanto, concordam no fato dessas ideias serem idênticas.

- 56 Febvre exprime claramente a sua simpatia pelo sindicalismo libertário em oposição ao marxismo e ao socialismo reformista:

[O sindicalismo] baseia-se nos organismos vivos. Inspira-se no velho espírito anarquista de autonomia, de descentralização e de liberdade federativa. Entanto que, ao contrário, o movimento socialista é na sua essência estatista, regulamentar e, cheio do espírito coletivista e marxista, inimigo por princípio da liberdade. O resto, é pura atração exercida pelo movimento sindical no movimento socialista. Mas a distinção subsiste. Em grande parte devido ao recrutamento diferenciado. Os teóricos e os chefes do movimento sindicalista são operários. Jouhaux, Merrheim, Pouget, Griffuelhes ou Yvetot. Os teóricos e os chefes do movimento socialista são burgueses e intelectuais: Jaurès, Sembat, Renaudel, Guesde, Longuet ou Chacín. (Febvre apud Lecuir, 2012, p. 12)

- 57 É importante sublinhar que Febvre utiliza aqui argumentos tipicamente anarquistas, notadamente o da origem operária e autodidata dos militantes do movimento sindicalista que visam a integração do trabalho manual e do trabalho intelectual, rejeitando a ideia gramsciana do intelectual «orgânico». A sua composição social essencialmente proletária confirma-se em publicações como os dicionários biográficos dos anarquistas italianos e franceses (Antonioli, Berti, Fedele e Iuso, 2003-2004; Maïtron, 1964).

- 58 Ainda em 1937, Febvre se encontra justificando o seu interesse por Proudhon após os ataques que se seguiram contra ele a partir das suas críticas à obra coletiva *Karl Marx et la pensée moderne* (Febvre, 1937). O fato de Febvre declarar aqui não ser «proudhoniano» (Febvre, 2009, p. 941), demonstra que ele sentia-se então, em certa medida, acusado, por seus interlocutores marxistas, de ser anarquista. Neste artigo, Febvre exprime mais uma vez a sua admiração por Proudhon, «nascido e educado, como ele mesmo declara, no seio das classes trabalhadoras» (Ibid., p. 942), e o defende dos ataques de Armand Cu villier, que Febvre chama à ordem convidando-o a recuperar a «serenidade histórica» (Ibid., p. 943). Se o argumento de Febvre versa aqui sobre a profissionalidade do historiador, que não tem o direito de utilizar a sua ciência para atacar a seus adversários políticos, a sua simpatia por Proudhon não é menos clara por isto.

- 59 Aparte dos escritos militantes de Febvre, a simples título de sondagem e sob a reserva dum escrutínio completo da sua obra, é possível citar um dos seus trabalhos mais célebres como estudioso das mentalidades, *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle: la religion de*

Rabelais (1947), como revelador do *background* socialista e livre-pensador do historiador. François Rabelais (1483-1553), o escrivão irreverente e antiautoritário, inventor da célebre Abadia de Thelema —cuja regra era «fazei o que quiser»—, tinha já sido citado por Kropotkin como um antecipador do anarquismo. O geógrafo russo afirma notadamente que as ideias de Rabelais «não puderam desenvolver-se então por causa da censura rigorosa da Igreja» (Kropotkin, 1910). Reclus tinha oferecido a mesma interpretação, afirmando que Rabelais foi «constrangido a esconder o essencial do seu pensamento para não ser perseguido como herege» (Reclus, 1877, p. 532). A longa duração do mito de Rabelais nos círculos anarquistas e socialistas fica atestada na correspondência entre o cunhado de Reclus (e antigo genro de Michelet) Alfred Dumesnil, descrevendo a vida na pequena comuna que Reclus e seus amigos estabeleceram no castelo de Vascoeuil: «Embora sejamos muitos, a nossa vida é tão ordenada e tão deferente como se estivéssemos na abadia de Thelema».⁴

- 60 Na sua obra, Febvre critica o anacronismo de autores (não de Reclus nem de Kropotkin, em qualquer caso) que chamam Rabelais de «ateu», demonstrando que tal conceito não existia na época. Isto não impede que Febvre apresente Rabelais como um heterodoxo e uma sorte de livre-pensador: é claro que o historiador dialoga com o ambiente intelectual dos socialistas e dos ateus do qual provém, como o demonstram as suas comparações entre as diferentes definições de herético nos os séculos XVI ao XX:

Por volta de 1936, em Paris, do pequeno-burguês que de bom grado prega e acossa nas reuniões políticas: «Um homem perigoso», declaram as comadres. E baixando a voz, ou incluso no mesmo tom, em 1900, elas teriam dito: «um anarquista», teriam proferido «um comunista, Monsenhor!». Isso na nossa época, em que os problemas sociais preocupam mais do que qualquer coisa. No século XVI, apenas religião coloria o Universo. E do homem que pretendesse não pensar como todos acerca de absolutamente tudo; do homem de palavra arrojada e de crítica fácil: «ímpio», exclamava-se, «blasfemo» e, para acabar, «ateu!». (Febvre, 1947, p. 150)

- 61 Neste ponto pode evocar-se o conceito laturiano de influência social, a partir do momento em que a produção de Febvre resulta claramente marcada, nos escritos que temos citado, pelas leituras e os convívios socialistas da sua juventude; o historiador parece evocar estes temas ao longo de toda a sua carreira. Do ponto de vista dos estudos sobre os saberes situados, o tropismo franco-condês de Febvre parece ter jogado um papel na sua assimilação dum socialismo tingido de proudhonismo e de temáticas «jurassianas». Se bem os trabalhos que temos citado constituem apenas uma parte da obra do grande historiador dos *Annales*, da qual é preciso reconhecer sua complexidade e que não é possível resumir em definições simples, é igualmente certo que os pesquisadores não podem ignorar este aspecto importante da formação social e intelectual do personagem.
- 62 Mais ainda, Febvre, nos anos de 1940 e 1950, mantém relações de amizade e colaboração profissional com o sociólogo Georges Gurvitch (1894-1965) —um dos primeiros membros da 6ª seção da École Pratique des Hautes Études—, autor que se inspira fortemente no legado proudhoniano, especialista em Proudhon ele mesmo (Gurvitch, 1965; Le Goff, 2012) e igualmente partícipe dos debates com Braudel (Maillard, 2005). Febvre escreve o prefácio do volume coletivo dirigido por Gurvitch como resultado de um colóquio de 1949 acerca da tecnocracia (tema típico dos movimentos libertários do século XX), o qual demonstra que manteve no coração as temáticas militantes até a sua idade madura. No seu texto, ele faz questão do papel dos sindicatos na pesquisa social e numa fundamental interrogação sobre a tecnologia e a indústria, remontando ao socialismo do século precedente que almeja, entre suas realizações, «um homem moderno que seja livre, sem

que essa liberdade tenha por preço a opressão de seus irmãos» (Febvre, 1949, p. XIII). Isto leva-nos evidentemente um pouco longe de Élisée Reclus, mas permite-nos principalmente esboçar novas linhas de pesquisa sobre as relações entre Febvre e Gurvitch, que só um escrutínio dos arquivos dos dois autores poderá esclarecer.

- 63 Um outro ponto de contato entre as abordagens reclusianas e Febvre situa-se na sua comum rejeição da ideia de pureza étnico-racial e na sua simpatia pela miscigenação. Febvre o exprime numa obra escrita em 1951 com François Crouzet, e publicada apenas em 2012, *Nous sommes des sang-mêlés*, que tem por divisa: «Nosso sobrenome: Franceses; nosso nome: Homens» (Crouzet e Febvre, 2012, p. 18). Este texto, dirigido idealmente a uma criança francesa, contesta muito claramente toda abordagem racial. Como diz Febvre a seu discípulo imaginário:

Recapitula agora os grandes eventos da tua história, da História da França. Verás que nenhum dentre eles [...] tem chegado a produzir-se sem ter sido, desde fora, preparado, às vezes provocado, em qualquer caso orientado e facilitado pelo esforço comum de outros países, de outros povos e de outras nações. (Ibid., p. 21)

Conclusão: cruzamentos e fertilizações

- 64 A questão da influência mútua entre a história e a geografia conhece na França um interesse crescente. Marie-Vic Ozouf-Marignier e Nicolas Verdier animam na E.H.E.S.S. um seminário que explora sistematicamente esta temática.⁵ Por outro lado, os geógrafos franceses reivindicam a legitimidade do termo geohistória, até agora utilizado quase unicamente pelos historiadores (Gataloup, 1996 e 2007; Pelletier, 2011). As mesmas questões são abordadas pela literatura internacional: entre outros, Robert Mayhew fala num intenso «tráfego fronteiro» (Mayhew, 2012) entre os campos da geografia histórica e da história intelectual. Outros trabalhos (Friedman, 1996) tem analisado a dívida com a geografia do outro fundador da escola dos *Annales*, Marc Bloch, que aliás foi também uma figura emblemática da resistência, notadamente após seu assassinato por parte dos nazis em 1944.
- 65 Segundo os editores no número especial da *Antipode* sobre geografia e anarquismo, as abordagens anarquistas desfrutam duma consideração crescente no quadro das atuais tendências críticas da disciplina, visando construir uma geografia engajada e plural, produtora de um saber não dogmático em relação com as lutas sociais (Springer *et al.*, 2012). Segundo os textos que acabamos de examinar, Febvre possuía objetivos semelhantes com respeito à história. Um ponto em comum entre Reclus, Febvre e as tendências críticas contemporâneas, é o interesse pelas miscigenações e pelas mesclas culturais, no quadro, também, de um universalismo progressista em curso de redescoberta pela «virada libertária» da geografia (Springer, 2013, p. 49-50).
- 66 A ajuda mútua, um ponto central para Reclus e Kropotkin que interessa bastante a Febvre, é atualmente considerado como um fator das economias informais por geógrafos econômicos como Richard White, que trabalha sobre essas experiências em tanto exemplos da possível generalização duma economia não-monetária (White, 2009).
- 67 Se bem o presente artigo demonstra que o interesse de Febvre pelo anarquismo e pela geografia de Reclus e Kropotkin foi importante na formação das suas ideias políticas e científicas, é possível adiantar pesquisas mais aprofundadas acerca da influência destes geógrafos na escola dos *Annales* e, de modo mais geral, nas relações entre a geografia e a história na França da sua época. Na ausência de referências explícitas nas obras

publicadas, apenas fontes como os arquivos, as notas de trabalho e as bibliotecas pessoais poderão esclarecer aquilo que Bertrand Müller chama de «antecâmara do saber» (Müller, 1994, p. VI), e portanto fábrica do saber mesmo. Uma pesquisa tal permitirá captar as influências intelectuais de autores que não praticavam a citação sistemática como se faz hoje, o qual dificulta retrair todas as suas referências.

- 68 O que daqui em diante pode considerar-se como certo, é que entre as referências intelectuais de Febvre podem encontra-se, junto a Pierre-Joseph Proudhon e numa posição não secundária, os geógrafos anarquistas Piotr Kropotkin e Élisée Reclus (Candar e Pluet-Despatin, 1997).

BIBLIOGRAFIA

Arquivos

Amsterdam, International Institute of Social History, Archives de la Fédération Jurassienne.

Paris, Bibliothèque Mazarine, Fonds Perpillou-Demangeon, 1905-1917.

Paris, Bibliothèque historique de la Ville de Paris, Correspondances d'Alfred Dumesnil.

Referências bibliográficas

Antonoli M., Berti G., Fedele S., Iuso P. (2003-2004). *Dizionario Biografico degli Anarchici Italiani*. Pisa : BFS, 2 vols.

Antonoli M. (2014). *Bakounine entre syndicalisme révolutionnaire et anarchisme*. Paris : Noir et rouge, 112 p.

Arrault J.-B. (2005). « La référence Reclus: pour une relecture des rapports entre Reclus et l'École française de géographie ». In Lefort I., Pelletier Ph. (éd.). *Élisée Reclus et nos géographies, textes et prétextes*. Paris : Noir & Rouge, 458 p., p. 161-171.

Arrault J.-B. (2006). « À propos du concept de méditerranée: expérience géographique du monde et mondialisation ». *Cybergeo*, <http://www.cybergeo.eu/index13093html>

Blanckaert C. (2006). « La discipline en perspective. Le système des sciences à l'heure du spécialisme (XIXe-XXe siècle) ». In Boutier J., Passeron J.-C., Revel J. (dir.), *Qu'est-ce qu'une discipline?*, Paris, Éditions de l'EHESS, p. 117-141.

Braudel F. (1957). « Lucien Febvre et l'histoire ». *Annales ESC*, n° 12, p. 177-182.

Braudel F. (1966). *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris : Colin, 2 vols. 2^e éd.

Brun C. (2012). « Configuration géographique 'européenne' et dynamique d'innovation : sur l'hypothèse d'un engendrement mutuel depuis Strabon ». In Jullien V., Nicolaidis E., Blay M. (dir.). *Europe et sciences modernes: histoire d'un engendrement mutuel*. Bern, P. Lang, p. 309-345.

Burke P. (1990). *The French historical revolution: the Annales school*. Cambridge: Polity Press, 152 p.

Calberac Y., Morange M. (2012). « Géographies critiques à la française ? ». *Carnets de Géographes*, n° 4, http://www.carnetsdegeographes.org/carnets_debats/debat_04_01_Morange_Calberac.php

- Candar G., Pluet-Despatin P. (1997). « Introduction : une amitié au service de l'histoire ». In Febvre L. *De la Revue de Synthèse aux Annales, lettres à Henri Berr 1911-1954*. Paris : Fayard, p. I-XXXVI.
- Crouzet F., Febvre L. (2012). *Nous sommes des sang-mêlés. Manuel d'histoire de la civilisation française*, Paris : Albin Michel, 392 p.
- Demangeon A., Febvre L. (1935). *Le Rhin*. Paris : Colin, 300 p.
- Deprest F. (2002). « L'invention géographique de la Méditerranée : éléments de réflexion ». *L'Espace Géographique*, n° 31, p. 73-92.
- Ereño Altuna J. (1994). *Lucien Febvre : combates por el socialismo*. Universidad de Deusto, Bilbao).
- Errani P. (1984). *Élisée Reclus. Geografia sociale*. Milan : Franco Angeli, 308 p.
- Farinelli F. (1980). « Come Lucien Febvre inventó il determinismo ». In Febvre L., *La Terra e l'Evoluzione Umana*. Turin : Einaudi, p. XI-XXXVII.
- Febvre L. (1908). « Jacques Bonhomme se réveille ». *Le Socialiste comtois*, 23 août.
- Febvre L. (1909a). « Vive la vie, à bas l'autorité ». *Le Socialiste comtois*, 21 mars.
- Febvre L. (1909b). « Une question d'influence: Proudhon et le syndicalisme ». *Revue de Synthèse historique*, 19, p. 10-42.
- Febvre L. (1922). *La Terre et l'évolution humaine*. Paris : Colin, 476 p.
- Febvre L. (1937). « Marx et ses contemporains ». *Annales d'Histoire économique et sociale*, 10, p. 307-310.
- Febvre L. (1947). *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle: la religion de Rabelais*. Paris : Albin Michel, 551 p.
- Febvre L. (1949). « Introduction ». In Gurvitch G. (dir.). *Industrialisation et technocratie*. Paris: A. Colin, p. VII-XIII.
- Febvre L. (1953). *Combats pour l'Histoire*. Paris : Colin.
- Febvre L. (1962). *Pour une histoire à part entière*. Paris : Publications de l'Éducation Nationale, 860 p.
- Febvre L. (1997). *Le Rhin*. Paris : Perrin, 284 p.
- Febvre L. (2009). *Vivre l'histoire*. Paris : Laffont, 1 110 p.
- Febvre L. (2012). « Quatre leçons sur le syndicalisme français ». *Le Mouvement Social*, n° 238, p. 17-51.
- Ferretti F. (2014). *Élisée Reclus, pour une géographie nouvelle*. Paris : CTHS, 408 p.
- Ferretti F. (2015). « Anarchism, Geo-History and the origins of the *Annales*: rethinking Elisée Reclus's influence on Lucien Febvre ». *Environment and Planning D, Society and Space*, 33, 2, p. 347-365.
- Foucault M. (1969). *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 285 p.
- Friedman S. (1996). *Marc Bloch, sociology and geography : encountering changing disciplines*. Cambridge : Cambridge University Press, 258 p.
- Girón Sierra A. (2005). *En la mesa con Darwin: evolución y revolución en el movimiento libertario en España, 1869-1914*. Madrid : CSIC, 450 p.
- Grataloup C. (1996). *Lieux d'histoire: essai de géohistoire systématique*. Montpellier : RECLUS, 200 p.

- Grataloup C. (2007). *Géohistoire de la mondialisation : le temps long du monde*. Paris : Colin, 255 p.
- Guillaume J. (1905-1910). *L'Internationale, documents et souvenirs (1864-1878)*. Paris : Stock, 4 vols.
- Gurvitch G. (1965). *Proudhon sa vie, son œuvre, avec un exposé de sa philosophie*. Paris: PUF.
- Hartog F. (2003). *Régimes d'historicité: présentisme et expériences du temps*. Paris: Ed. du Seuil.
- Heffernan M. (2001). « History, Geography and the French National Space: the Question of Alsace-Lorraine, 1914-18 ». *Space and Polity*, 5, p. 27-48.
- Kropotkin P. (1902). *Mutal Aid*. London: Heinemann, 348 p.
- Kropotkin P. (1910). « Anarchism ». *The Encyclopaedia Britannica*, Anarchy Archive, <https://www.marxists.org/reference/archive/kropotkin-peter/1910/britannica.htm>
- Lacoste Y. (1990). *Paysages politiques. Braudel, Gracq, Reclus*. Paris : Librairie générale française, 284 p.
- Latour B. (1987). *Science in action: how to follow scientists and engineers through society*. Cambridge : Harvard University Press, 274 p.
- Lecuir J. (2012). « L'originalité du syndicalisme français selon Lucien Febvre (1919-1920) ». *Le Mouvement Social*, n° 238, p. 3-15.
- Lefort I., (1994). « L'articulation littorale : un principe ritterien relu par Élisée Reclus ». *Études Rurales*, n° 133, p. 45-58.
- Le Goff J. (2012). *Georges Gurvitch: le pluralisme créateur*. Paris: Michalon,
- Livingstone D. (2003). *Putting Science in its Place*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Maillard A., 2005, « Les temps de l'historien et du sociologue. Retour sur la dispute Braudel-Gurvitch », *Cahiers internationaux de sociologie*, n° 119, p. 197-222.
- Maitron J. (1964). *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*. Paris: Les Éditions Ouvrières, 5 vols.
- Mayhew R. (2012). « Border traffic: recent exchanges between historical geography and intellectual history ». *Journal of Historical Geography*, n° 38, p. 340-343.
- Metchnikoff L. (1889). *La civilisation et les grands fleuves historiques*. Paris, Hachette, 369 p.
- Mucchielli L., Robic M.-C. (1995). « Entre sociologie et géographie : la morphologie sociale selon Durkheim ». In Borlandi M, Mucchielli L. (dir.). *La sociologie et sa méthode : les règles de Durkheim un siècle après*. Paris : L'Harmattan, p. 101-136.
- Müller B. (2003). *Lucien Febvre, lecteur et critique*. Paris: Albin Michel, 468 p.
- Ogborn M., Withers C. (2010). *Geographies of the book*. Farnham: Ashgate.
- Ozouf-Marignier M.-V. (1992). « Géographie et histoire ». In Bailly A., Ferras R., Pumain D. (dir.). *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, p. 93-107.
- Ozouf-Marignier M.-V., Verdier N. (2000). « L'événement: un objet historique à emprunter ». *L'Espace Géographique*, n° 29, p. 218-223.
- Pelletier P. (2011). *L'Extrême-Orient, l'invention d'une histoire et d'une géographie*. Paris : Gallimard, 870 p.
- Pelletier P. (2013). *Géographie et anarchie: Reclus, Kropotkine, Metchnikoff*. Paris : Éditions du Monde Libertaire, 632 p.
- Pinard J. (2011). *Lucien Febvre, militant socialiste à Besançon, 1907-1912*. Besançon : DL, 326 p.

- Prochasson C. (1981). *Le socialisme normalien (1907-1914)*. Université Paris 1, thèse sous la direction de M. Agulhon, 390 p.
- Prochasson C. (1997). « Histoire et sociologie : Henri Berr et les durkheimiens ». In Biard A., Bourel D., Bria E. (dir.). *Henri Berr et la culture du XXe siècle*. Paris : Albin Michel, p. 61-79.
- Reclus E. (1869). *Histoire d'un ruisseau*. Paris : Hetzel, 320 p.
- Reclus E. (1872). « Géographie Générale ». *La République française*, n°4, p. 1.
- Reclus E. (1877). *Nouvelle Géographie universelle, vol. II, La France*. Paris : Hachette.
- Reclus E. (1878). *Nouvelle Géographie universelle, vol. III, Europe centrale*. Paris : Hachette, 982 p.
- Reclus E. (1879). *Nouvelle Géographie universelle, vol. IV, Europe du Nord-Ouest*. Paris : Hachette, 972 p.
- Reclus E. (1885). *Nouvelle Géographie universelle, vol. X, Afrique du Nord*, Paris : Hachette, 638 p.
- Reclus E. (1894). *Quelques mots d'Histoire*. Bruxelles : Ed. de La Société Nouvelle, 6 p.
- Reclus E. (1900). « La Phénicie et les Phéniciens ». *Bulletin de la Société neuchâteloise de géographie*, n° 12, p. 261-274.
- Reclus E. (1905). *L'Homme et la Terre, vol. I*. Paris : Librairie universelle, 574 p.
- Reclus E. (1905b). *L'Homme et la Terre, vol. II*. Paris : Librairie universelle, 566 p.
- Reclus E. (1908). *L'Homme et la Terre, vol. VI*. Paris : Librairie universelle, 576 p.
- Reclus E. (1931). *L'Homme et la Terre*. Paris : A. Michel, 3 vols.
- Robic M.-C. (1996). « Interroger le paysage ? L'enquête de terrain, sa signification dans la géographie humaine moderne (1900-1950) ». In Blanckaert C. (dir.). *Le terrain des Sciences Sociales (XVIIIe - XXe siècle)*. Paris: L'Harmattan, p. 357-388.
- Schlötter P. (1997). « Lucien Febvre ou la démystification de l'histoire rhénane ». In Febvre L. *Le Rhin*. Paris : Perrin, p. 11-56.
- Springer S., Barker A., Brown G., Ince A., Pickerill J. (2012) « Reanimating Anarchist Geographies: a new burst of colour. » *Antipode*, n. 44, p. 1591-1604.
- Springer S. (2013). « Anarchism and Geography: a brief genealogy of Anarchist Geographies ». *Geography Compass*, n° 7, p. 46-60.
- Tang C (2008). *The geographic imagination of modernity: Geography, Literature and Philosophy in German Romanticism*. Stanford : Stanford University Press, 356 p.
- Verdier N. (2009). « Les relations entre histoire et géographie en France: tensions, controverses et accalmies ». *Storica*, n° 40, p. 64-114.
- Wardenga U. (2013). « Writing the history of geography: what we have learnt – and where to go next », *Geographica Helvetica*, n° 68, p. 27-35.
- White R. (2009). « Explaining why the non-commodified sphere of mutual aid is so pervasive in the advanced economies. Some case study evidence from an English city ». *International Journal of Sociology and Social Policy*, n° 29, p. 457-472.
- Wolf E. (1982). *Europe and the People without History*. Berkeley : University of California Press, 504 p.
- Wolff D. (2005). *Albert Demangeon (1872-1940). De l'école communale à la chaire en Sorbonne, l'itinéraire d'un géographe moderne*. Université de Paris I, thèse sous la direction de M.C. Robic, 866 p.

NOTAS

1. Paris, Biblioteca Mazarine, Fundo Perpillou-Demangeon, carta de Henri Berr a Albert Demangeon, 10 de agosto de 1905.
 2. Ibid., Cartão de visita de Élisée Reclus com dedicatória manuscrita por Albert Demangeon, Bruxelas, 1905.
 3. . Amsterdam, International Institute of Social History, Arquivos da Federação do Jura, Dossiê 167.
 4. Bibliothèque Historique de la Ville de Paris, Ms. 1597, f. 272, carta de A. Dumesnil a E. Noël, 6 de setembro de 1886.
 5. Ver o site do seminário: <http://enseignements-2014.ehess.fr/2014/ue/397/>
-

RESUMOS

Diversos autores tem avançado a hipótese de que o geógrafo e anarquista Élisée Reclus exerceu certa influência na formação de algumas das ferramentas intelectuais da escola histórica dos *Annales d'histoire économique et social*, tais como o de tempo longo e o de longa duração, história material, espaço-movimento e geohistória. No entanto, não existe uma pesquisa sistemática acerca desse argumento. Neste artigo, interrogamos nesse respeito a leitura da obra reclusiana feita por um dos fundadores daquela escola, Lucien Febvre, em virtude também das simpatias juvenis deste último pelo anarquismo. Concluimos sublinhando a importância do legado reclusiano em Febvre para compreender o processo de contaminação mútua da história e da geografia na França no século XX, assim como o seu interesse para as tendências críticas atuais.

Plusieurs auteurs ont avancé l'hypothèse que le géographe et anarchiste Élisée Reclus a exercé une influence dans la formation de certains des outils intellectuels de l'école historique des *Annales d'histoire économique et sociale*, tels que temps longs et longue durée, histoire matérielle, espace-mouvement et géohistoire. Pourtant, il n'existe pas une recherche systématique sur cet argument. Dans cet article, nous interrogeons à ce sujet la lecture de l'œuvre reclusienne faite par l'un des fondateurs de cette école, Lucien Febvre, en vertu aussi des sympathies juvéniles de ce dernier pour l'anarchisme. Nous concluons en soulignant l'importance du legs reclusien chez Febvre pour comprendre le procès de contamination mutuelle de l'histoire et de la géographie en France au cours du 20^e siècle, ainsi que son intérêt pour les tendances critiques actuelles.

ÍNDICE

Índice cronológico: 1830-1957

Índice geográfico: France

Mots-clés: Élisée Reclus, Lucien Febvre, Annales, géohistoire, anarchisme, socialisme

Palavras-chave: Élisée Reclus, Lucien Febvre, Annales, geo-historia, anarquismo, socialismo

AUTORES

FEDERICO FERRETTI